

Artigo Original

"Um quê desse velho amor": um pensamento que converge com desafios deixados pela sindemia da COVID-19 ou um quê secular

"Something from that old love": a thought that converges with challenges left by the COVID-19 syndemic or something secular?

Lilian Hoffmann¹ e Diemerson da Costa Sacchetto²

¹Docente, Escola Superior São Francisco de Assis, Rua Bernardino Monteiro, 700 – Dois Pinheiros, Santa Teresa/ES, CEP: 29650.000.

²Docente, Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vila Velha, Av. Ministro Salgado Filho, 1000 – Soteco – Vila Velha/ES. CEP: 29106.010.

Autor correspondente: lilianhffpsicologia@yahoo.com.br

RESUMO Nesse ensaio partimos do tempo cronológico referente ao contratempo, utilizando como base obras de Paulo Freire, tais como Educação como Prática da Liberdade (1980), Pedagogia do Oprimido (1987) e Educação e Mudança (1988). A proposta é refletir sobre o ser genérico marxista, utilizando esse construto como núcleo sintético para a transformação social radical e para a estimulação da emancipação humana. O pensamento sobre o “velho amor” converge com os desafios deixados pela sindemia da COVID-19 e como esses conceitos estão atrelados ao compromisso do educador como mediador e agente de transformação social para a prática da liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: educação libertadora, ente genérico, transformação social.

INTRODUÇÃO

Pensar faz parte das habilidades e competências humanas. Na história da filosofia, teóricos como Marx e Paulo Freire beberam de diversas fontes filosóficas e, em suas teorias, conseguiram fazer uma síntese complexa e original acerca do que pensavam. Ambos tiveram a ousadia epistemológica que é necessária para o processo investigativo e evolutivo em lidar com problemas da concretude humana. Para tal, é pertinente a superação da consciência transitiva ingênua¹ para a consciência transitiva crítica.

A concepção do sistema escolar de caráter claramente propedêutico e seletivo fez com que se entenda o ensino como um trajeto de superação de etapas sucessivas mediadas, cada uma delas,

pelas demandas da etapa superior. (ZABALA e ARNAU, 2014, p.20)

Para problemas complexos, como são as mazelas da humanidade, seria ingenuidade achar que apenas um pensador, uma teoria ou mesmo uma única abordagem filosófica daria conta de responder às necessidades humanas. A criatividade gnosiológica² e “[...] o desafio dialógico-crítico [é um universo ascendente] que converge para a luta em prol das transformações sociais necessárias e imprescindíveis para atingirmos uma vida mais digna, principalmente para os setores que mais sofrem a opressão e a exclusão” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 17-18 apud PEREIRA, 2015, p.14).

Segundo Pereira (2015), Freire faz uma síntese de diversos paradigmas filosóficos, que são a base do seu pensamento, onde a ideia central é a transformação social

radical em perspectivas de pontos de contato intimamente ligados à filosofia social de Karl Marx, convergindo diretamente com os desafios deixados pela pandemia da COVID-19, principalmente no campo das políticas públicas como saúde, educação e assistência social.

A dialética do pensamento Freireano é presença e a “[...] realidade é um constante devir (como declarou o eminente filósofo Heráclito de Éfeso), a compreensão dos fenômenos deve também acompanhar esse movimento do real e do concreto [...]” (PEREIRA, 2015, p.25).

A teoria Freireana tem marcas de reflexões em torno de diversas situações existenciais, tais como a finitude e a incompletude, a vocação ontológica³ para o ser mais, do ser em detrimento do ter. Há ainda as teorias que entendem o homem como co-criador do mundo e de si próprio, do compromisso e da responsabilidade com a existência humana, da preocupação com o processo de humanização permanente do ser, de uma ação crítico-transformadora, da libertação, da transitividade dos estágios de consciência e da concretização do inédito viável (PEREIRA, 2015).

Pois bem, se assim há uma vocação ontológica para o ser mais, por que nos deparamos com situações que reforçam o ser menos? Quais as questões envolvidas que nos apontam indícios de que estaríamos vivendo uma crise civilizatória sem precedentes? Porque razão encontramos um cenário de não protagonismo na educação, em espaços coletivos e comunitários, em que, na maioria das vezes, percebemos que o quê daquele velho amor está muito escondido ou adormecido?

Nesse ensaio partimos do tempo cronológico

proposto por (CIRIGLIANO, 2000, apud PEREIRA, 2015) referente ao contratempo, tendo por base algumas das obras de Paulo Freire, quais sejam Educação como Prática da Liberdade (1980), Pedagogia do Oprimido (1987) e Educação e Mudança (1988), bem como a tese de doutorado de Dirlei de Azambuja Pereira (2015) e a dissertação de mestrado de Ronaldo Crispim Sena Barros (2006).

O objetivo é refletir sobre o ser genérico marxista (BARROS, 2006) e como esse construto, utilizado como núcleo sintético para a transformação social radical, proposta por Pereira (2015), poderia impactar sobre os caminhos humanitários até a sociedade contemporânea. Também se faz necessário entender de que maneira esses conceitos estão atrelados ao compromisso ético-político profissional das áreas de saúde, educação e assistência social, que lutam por uma sociedade mais justa e humana e, a priori, insistem numa educação para a mudança e para a prática da liberdade, em que o professor é mediador do conhecimento e o aluno protagonista do seu próprio ensino-aprendizagem.

A concepção do sistema escolar de caráter claramente propedêutico e seletivo fez com que se entenda o ensino como um trajeto de superação de etapas sucessivas mediadas, cada uma delas, pelas demandas da etapa superior. (ZABALA e ARNAU, 2014, p.20)

MATERIAIS E MÉTODOS

A sociedade globalizada, com suas transformações

¹A transitividade ingênua, fase em que nos achávamos e nos achamos hoje nos centros urbanos, mais enfática ali, menos aqui, que caracteriza, entre outros aspectos, pela simplicidade na interpretação dos problemas. Pela tendência a julgar que o tempo melhor foi o tempo passado. Pela subestimação do homem comum. Por uma forte inclinação ao gregarismo, característico da massificação. Pela impermeabilidade à investigação, a que corresponde um gosto acentuado pelas explicações fabulosas. Pela fragilidade na argumentação. Por forte teor de emocionalidade. Pela prática não propriamente do diálogo, mas da polêmica. Pelas explicações mágicas [...] (FREIRE, 1980, p. 60).

²Gnosiologia – estudo das pontes, limites e valor do conhecimento humano; teoria do conhecimento (FREIRE, 1996).

³Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduz-se nelas, de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua intencionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais (FREIRE, 1988, p. 61).

sociais, Ensaio baseado nos estudos em filosofia, cultura e educação, ocorridos entre os anos de 2018 e 2019, no mestrado de ensino de humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo, por meio de pesquisas bibliográficas em bases de dados online, teses, dissertações e livros que abordassem de forma precisa esse campo científico.

EU CAÇADOR DE MIM: O QUE NOS DES(CONECTA COMO HUMANOS)

Se precisamos pensar sobre o que nos conecta como humanos, na perspectiva Freireana da vocação ontológica de Ser Mais, provavelmente essa necessidade surgiu de lacunas concretas sobre a desconectividade como Seres Sociais. Quem está mais preparado para esta contenda é, justamente, o próprio oprimido, que, diante de um recorte de gênero, classe, ideias e posicionamentos diferentes, sente na pele as marcas da opressão (FREIRE, 1987).

O movimento social indica que, o significado de uma sociedade que tem nas suas bases a voraz necessidade de oprimir, ratificar “o desejo de manicômio”⁴, usurpar a criatividade e a ousadia, não pode ser outro senão o da impossibilidade de lidar com a diversidade, com a alteridade, com a diferença, seja para mais ou para menos, e que seu único recurso é padronizar, dominar e silenciar o que está fora da regra ou se subverte a ela.

Quais são os modos de vida hegemônicos que ditam regras e “jeitos de existir” que contribuem para desumanização e alienação⁵? Que ordem vigente seria esta que, injustamente, gera a violência do opressor e alimenta o desejo pelo Ser Menos, fragmentado pelo desamor, vela a realidade potente e imprime a desesperança?

Diante dos achados de Freire (1988) sobre o tempo e sua conexão com o jeito de estar no mundo, sua obra

indicou a originalidade das análises quanto ao contexto daqueles escritos, mas que, na atualidade, parecem não ter vencido os muros e as correntes invisíveis que carregamos como marca desde o passado. Segundo Freire (1980, p. 13) “[...] O estado e as palavras são igualmente expressões da prática dos homens, e conscientizar é assumir a consciência deste fato”, não só assumir, mas sentir as consequências sobre o posicionamento frente a esse desafio.

Vivemos num Brasil consciente? E se consciente, para quê e para quem? Existem grupos reacionários e sectários ditando regras e modos de existir? Vivemos num Estado democrático de direitos? Que tipo de estrutura social e econômica que é o gérmen mantenedor do status quo da opressão e da desigualdade? Que tipo de Educação ajudou a construir essa roupagem alienada e alienante que domestica corpos e mentes e produz homens-objetos? (FREIRE, 1980). Existiram, ou ainda existem, na história cultural do país, tentativas educacionais que subverteram (em) tal ordem? A tarefa de responder a estas perguntas é, em si, desafiadora na atual conjuntura brasileira, pois contém implicações políticas que interessam ao povo e não às elites (FREIRE, 1980).

[...] a sectarização tem uma matriz preponderantemente emocional e acrítica. É arrogante, antidialógica e por isso anticomunicativa. É reacionária, seja assumida por direitista, que para nós é um sectário de “nascença” ou esquerdista. O sectário nada cria porque não ama. Não respeita a opção dos outros. Pretende a todos impor a sua, que não é opção, mas fanatismo. Daí a inclinação do sectário ao ativismo, que é ação sem vigilância da reflexão. Daí o seu gosto pela sloganização, que dificilmente ultrapassa a esfera dos mitos e, por isso

⁴Ver conceito sobre o “desejo de manicômio” em Dimenstein (2006).

⁵Alienação e opressão caminham de mãos dadas e o alienado não diz a sua palavra, apenas enuncia a palavra do outro, o que implica numa existência inautêntica e num medo de correr o risco da aventura de criar. Alienação esta que estimula o formalismo que amarra a possibilidade do Ser Mais, frustradamente a um existir condicionado ao “cinto de segurança” (FREIRE, 2007 apud PEREIRA, 2015).

mesmo, morrendo nas meias verdades, nutre-se do puramente "relativo a que atribui valor absoluto (FREIRE, 1980, p. 51)

Nesse sentido o sectário reduz o povo às massas e só precisa dele para executar o seu comando e cumprir os seus fins, "[...] comandado pela propaganda intoxicada de que não se adverte, não se pensa [...]" (FREIRE, 1980, p. 52), portanto,

[...] A-histórico, um ser como este não pode comprometer-se; em lugar de relacionar-se com o mundo, o ser imerso nele somente está em contato com ele. Seus contatos não chegam a transformar o mundo, pois deles não resultam produtos significativos, capazes de (inclusive, voltando-se sobre ele) marca-los (FREIRE, 1988, p. 17).

A base social que sustenta esse Ser A-histórico é o sistema capitalista e o movimento neoliberal que se nutre dele. Uma sociedade-objeto que promove homens-objeto. A domesticação e o silenciamento partem do colonialismo e de seu discurso paternalista e assistencialista, que se nutre cruelmente das mazelas e desesperanças que esse mesmo sistema produz (FREIRE, 1988). A sociedade civil-burguesa que não sabe lidar com os seus problemas e suas mazelas.

[...] O homem individualiza-se e estranha-se do seu ser genérico – seu ser social, cindindo a sua unidade substancial na esfera da apropriação individual do objeto exterior. O homem deixa de ser, nesse sentido, aquilo que ele é e passa a ser aquilo que ele tem. O ser social passa da esfera do Ser para a do Ter. Assim, o trabalho estranhado – princípio da economia nacional da sociedade civil-burguesa – é “apenas o cumprimento consequente da renegação do homem, na medida em que ele próprio já não está numa tensão exterior para com a essência exterior da propriedade privada, mas antes ele próprio se tornou essência tensa da propriedade privada [...] (BARROS, 2006, p.

128).

A alienação é um processo altamente desumano e degradante que repercute nos processos psicológicos, causando uma ruptura entre o sentido e o significado das ações humanas, tendo como uma de suas principais consequências o cerceamento do processo de desenvolvimento da personalidade humana e do ser.

A sociedade alienada não tem consciência de seu próprio existir. Um profissional alienado é um ser inautêntico. Seu pensar não é comprometido consigo mesmo, não é responsável. O ser alienado não olha para a realidade com critério pessoal, mas com olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não a sua própria realidade objetiva. Vive através da visão de outro país [...] (FREIRE, 1988, p. 35)

Dias (2010) no enquadramento teórico do termo de comAs raízes da alienação e da inexperiência democrática no Brasil estão ligadas ao tipo de colonização exploratória e de condições culturológicas as quais foi condicionado a se relacionar de forma servil, considerando ainda importamos um modelo de Estado democrático inglês (FREIRE, 1980).

Da mesma forma se dá a consciência bancária de uma Educação que continua nos moldes capitalistas, reproduzindo conhecimento em larga escala e buscando alcançar sua premissa básica: a produtividade quantificada. No entanto, revela seu ímpeto por formar indivíduos medíocres, uma vez que, o que subverte a ordem, “[...] aparece como criador é um inadaptável e deve nivelar-se aos medíocres [...]” (FREIRE, 1988, p. 38), mas o sistema é operado pelo humano.

No “apagar das luzes” do século XX (1991-[...] Marx vai dizer que Hegel, na composição de sua matriz especulativa do Estado, “esquece

que tanto a individualidade particular como as funções e atividades estatais são funções humanas, ele esquece que a essência da 'personalidade particular' não é a sua barba, o seu sangue, o seu físico abstrato, mas sim a sua qualidade social", bem como "as funções estatais, etc. são apenas modos de existência e atividade das qualidades sociais do homem. Funções genéricas do homem cuja essência se encontra estranhada no Estado e necessitam ser reintegradas ao seio da sociedade (BARROS, 2006, p. 130).

LA luta pela humanização, pelo trabalho livre, independente do lugar que se fala, e pela re-afirmação do homem como ser para si, dotado de uma vocação ontológica para Ser Mais, é um caminhar em direção ao inédito viável⁶ (PEREIRA, 2015). "[...] Desenvolver essa caminhada em relação à libertação, que não libertará somente o oprimido, mas também do opressor, é um movimento atravessado pela dor" (PEREIRA, 2015, p. 44).

A libertação [...] é um parto. E um parto doloroso. O homem nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se (FREIRE, 1999c, p. 35 apud PEREIRA, 2015, p. 44).

Essa libertação é uma prática baseada na consciência crítica, na autenticidade das relações, na dialogicidade, num devir sócio-histórico coletivo, numa existência⁷ que tem na sua gênese o amor pela humanidade, engajada numa caminhada ontológica e

humanizante verdadeiramente estabelecida com o tecido social (PEREIRA, 2015).

A pedagogia da libertação proposta por Freire tem o diálogo como um dos seus mais vigorosos pilares. O diálogo, baseado nos pressupostos freirianos é sempre um agir com as pessoas, postura que requer dos sujeitos envolvidos nessa ação humildade, amor, criticidade, consciência do inacabamento do ser e compromisso com a transformação social radical [...] (PEREIRA, 2015, p. 45).

Dessa forma, o "diálogo é uma necessidade existencial" (PEREIRA, 2015, p. 45) e parte do pressuposto de que o ato educativo, em si, faz sentido na conjuntura do empoderamento, do desvelar do mundo e das relações nele imbricadas. A educação, aqui proposta, está a serviço da libertação autêntica baseada na conscientização permanente deste homem-sujeito (PEREIRA, 2015).

Para haver diálogo é premissa básica a presença, e, para tal, é preciso um ato comprometido implicado na capacidade de agir e refletir. Desenvolver essa capacidade de refletir sobre a ação é que o torna um ser da práxis.

[...] O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas "águas" os homens verdadeiramente comprometidos ficam "molhados", ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros [...] (FREIRE, 1988, p.19)

Se há compromisso com a melhoria da

⁶Para Freire (1981, p. 33 apud PEREIRA, 2015, p. 44) o inédito viável é "a futuridade a ser construída". E esse espaço-tempo começa a ser engendrado no aqui e no agora mediante práxis transformadoras que busquem a concretização desse horizonte. Em torno dessa discussão é imperioso compreender que "não há humanização sem libertação, assim como não há libertação sem a transformação revolucionária da sociedade de classes, em que a humanização é inviável. Em tal sociedade, a libertação é o 'inédito viável' das classes dominadas. Sua concretização, porém, só se dá na ultrapassagem daquela sociedade e não na simples modernização de suas estruturas (FREIRE, 1981, p. 122 apud PEREIRA, 2015, p. 44).

⁷Em torno da diferença entre o existir e o viver, é relevante observar a seguinte distinção feita por Freire quando, apoiado nos estudos de Karl Jaspers (1883-1969 apud PEREIRA, 2015, p. 41), afirma: "Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E é essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires. Em comunicação com eles" (FREIRE, 1999^a, p. 48-49 apud PEREIRA, 2015, p. 41).

humanidade, há um quefazer substantivo, profundo e original. Um compromisso do profissional, sistematizado em experiências movidas pelo patrimônio cultural, responsável e a serviço da coletividade oprimida. Dessa forma, a existência humana é, em si, um risco que precisamos assumir cotidianamente. Portanto, o amor é uma tarefa do homem – sujeito.

A educação baseada nas relações humanas possui esse ímpeto criador, autenticamente libertador, porque permite ao educando ser ele mesmo. A criticidade típica dessa forma de educar é intensamente inquieta. “[...] Torna-se mais crítica quanto mais reconhece em sua quietude a inquietude, e vice-versa [...]” (FREIRE, 1988, p. 41). Nutre-se do diálogo, indaga, investiga e “[...] face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos” (FREIRE, 1988, p. 41).

Mudança e estabilidade são faces de um quefazer substantivo desafiado historicamente culturalmente pela sua práxis. Sua ação profissional, como agente da mudança, está comprometida com a condição omnilateral e com a prática educativa para a liberdade, baseada na conscientização em seu amplo significado (FREIRE, 1980).

[...] Homens para os quais as palavras têm vida porque dizem respeito ao seu trabalho, à sua dor, à sua fome. Daí que esta maiêutica para as massas comprometa desde o início o educando, e também o educador, como homens concretos, e que não possa limitar-se jamais ao estrito aprendizado de técnicas ou de noções abstratas (FREIRE, 1980, p. 7)

Educação como prática da liberdade é, portanto, obra de coragem, da rebeldia e valentia de amar (FREIRE, 1980).

⁸O conceito de *Gattungswesen* é (re) elaborado por Marx para categorizar as condições históricas da sociabilidade humana, as contradições inerentes a essa sociabilidade e, sobretudo, para fundamentar a crítica à forma como os seus contemporâneos compreendiam o social e o político no processo de emancipação do ser humano das redes de exploração e espoliação do sistema capitalista (BARROS, 2006, p. 96).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desse ensaio nos permitiu refletir sobre a vida brasileira e sobre como é desafiador vivenciar o ente genérico⁸, mediante a imersão na condição alienante favorecida pelo sistema capitalista vigente no Brasil. Os embates entre os velhos e novos temas se configuraram, na atual conjuntura, pertinentes e se processam em outros campos para além da educação, como a cultura, as artes, a literatura, a saúde, a assistência social. Isso também ocorre no campo da pesquisa, pois todo o planejamento genuíno e originalmente brasileiro precisa ser construído à luz das necessidades do povo, e não de esquemas importados e pouco resolutivos para uma cultura como é a brasileira, cheia de vicissitudes, peculiaridades e regionalidades, ela tem a sua história.

Então, filosofia e política, nesse recorte, tem a intenção de afirmar que “[...] o desejo de ser livre é imediatamente o primeiro ato da liberdade [...]” (BARROS, 2006, p. 101). O enfoque marxista tem na politicidade positiva indissociável da autêntica entificação humana e que repele a politicidade negativa que se desdobra no estranhamento da vontade genérica. Dessa forma, a essência humana está politicamente ligada aos modos de existência humana, materializada no ser social ou ente genérico.

Portanto, no Estado concreto, no interior da sociedade civil, presidido pela vontade genérica em uma “democracia verdadeira”, quando a sociedade civil põe sua “existência política efetivamente como verdadeira existência”, põe “concomitante como inessencial sua existência burguesia em sua diferença com sua existência política, então cai por terra a necessidade da delegação. Nesse novo universo da politicidade positiva, todos devem participar das deliberações

e decisões dos assuntos gerais do Estado, porque o indivíduo singular é o indivíduo enquanto ser genérico; sua vontade é a vontade genérica; e o seu ser, aquilo que é e faz [...] (BARROS, 2006, p. 144).

Acreditamos que o nosso desafio hoje está apenas repaginado, mas têm um quê do velho amor. Tudo indica que a nossa conexão de trabalho no mundo nem sempre é crítica, e que as crises fazem parte desse contexto humano.

[...] o desenvolvimento humano é recheado de crises, de continuidade e descontinuidade, de avanços e retrocessos, de momentos de estabilidade e também de constantes rupturas, de contradições e superação. Assim é na vida, assim é no pensamento (BARROS, 2006, p. 151).

Gostaríamos que o trabalho frequentemente fosse vivo, e as conexões advindas deste constituíssem afetos alegres. No entanto, sabemos que ainda estamos muito distantes da emancipação humana universal e que, mesmo em pequenas e parciais revoluções, os afetos tristes continuam a se alimentar das mazelas humanas.

Mas temos alguns significados e significantes que nos movimentam na direção do desejo de Ser Mais e construir cotidianamente uma existência universal. Entretanto, o desafio inquietante que pulsa pela conectividade enfrenta cotidianamente a crise existencial entre as especificidades ontogenéticas e a constante busca pela conexão com a nossa existência enquanto Humanidade genérica.

Ando caçando pedaços de nós!!!!!!! Ando caçando pedaços de mim!!!!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BBARROS, Ronaldo Crispim Sena. **O ser genérico**: pressuposto da crítica da política do jovem Marx. 2006. 180 f. Dissertação

(Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2006. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Barros_RonaldoCrispimSena_D.pdf. Acesso em 08 jan. 2023.

DIMENSTEIN, Magda. O desafio da política de saúde mental: a (re) inserção social dos portadores de transtornos mentais. **Mental, Barbacena**, v. 4, n. 6, p. 69-82, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PEREIRA, Dirlei de Azambuja. **Fontes filosóficas da pedagogia de Paulo Freire: a transformação social radical inspirada em Karl Marx como núcleo sintético**. 2015, 120 f. Tese (doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/2950/1/Dirlei%20de%20Azambuja%20Pereira_Tese.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.